



## ESCUTAR A SEMENTE, CANTAR O REMÉDIO saberes endógeno, ancestralidade e a musicalidade em comunidades quilombolas da Bahia

Albino Lacerda da Silva Junior  
Universidade Federal da Bahia

[lacerdajr-engprod@hotmail.com](mailto:lacerdajr-engprod@hotmail.com)

GT 12: Etnomusicologia Negra Amplificando Vozes:  
a valorização de saberes acadêmico e no institucional

### Resumo

Esta pesquisa tem o intuito de conectar a prática de criação musical com a perspectiva de preservação e difusão dos saberes tradicionais ligados aos usos medicinais, alimentícios e ritualísticos de plantas na comunidade quilombola do Boqueirão, localizada na cidade de Teolândia - Baixo Sul - Bahia. São também parte das intenções que movem este projeto investigar quais fluxos de intercâmbios de espécies vegetais e quais processos de transmissão de saberes sobre os cuidados espirituais e em saúde se conectam a determinados movimentos musicais e poéticos afro-indígenas brasileiros. Compreendendo a musicalidade de um povo como campo de produção, revelação e perpetuação de conhecimento, este estudo se propõe a alinhar as observações e investigações sobre os conhecimentos e usos de plantas na comunidade mencionada a tecnologias de criação musical em conexão. Tendo como inspiração os estudos de alguns pesquisadores e pensadores como Nketia (1963), Agawu (2016), Bunseki Fu-Kiau (2015) e Lêda Maria Martins (2021; 2022), esta pesquisa busca valorizar a produção de conhecimento de raiz africana através de uma etnomusicologia negra. A proposta é promover um processo de pesquisa associado à criação de canções a partir dos saberes sobre cultivo e uso medicinal-alimentício de plantas, e da observação da musicalidade local.

**Palavras-chave:** Musicalidade; práticas culturais; etnomusicologia; memória.

### LISTEN TO THE SEED, SING THE MEDICINE

Endogenous knowledge, Ancestrality and Musicality in Quilombo Communities of Bahia

### Abstract

This research aims to connect the practice of musical creation with the perspective of preservation and dissemination of traditional knowledge related to the medicinal, nutritional, and ritualistic uses of plants in the quilombola community of Boqueirão, located in the city of Teolândia - Baixo Sul - Bahia. Also part of the intentions driving this project is to investigate which flows of exchange of plant species and which processes of transmission of knowledge about spiritual and health care are connected to certain Afro-Indigenous Brazilian musical and poetic movements. Understanding the musicality of a people as a field of production, revelation, and perpetuation of knowledge, this study proposes to align observations and investigations about the knowledge and uses of plants in the aforementioned community with technologies of musical creation in connection. Inspired by the studies of some researchers and thinkers such as Nketia (1963), Agawu (2016), Bunseki Fu-Kiau (2015), and Lêda Maria Martins (2021; 2022), this research seeks to value knowledge production rooted in African traditions through a Black ethnomusicology. The proposal is to promote a research process associated with the creation of songs based on knowledge about the cultivation and medicinal-food use of plants, and the observation of local musicality.

**Keywords:** Musicality; cultural practices; ethnomusicology; memory.



## Introdução

Esta proposta de pesquisa tem, como primeiro ponto de mobilização, o intuito de observar a prática de criação musical com a perspectiva de preservação e difusão dos saberes tradicionais ligados aos usos medicinais, alimentícios e ritualísticos de plantas na comunidade quilombola do Boqueirão, localizada na cidade de Teolândia - Baixo Sul – Bahia. São também parte das intenções que movem este projeto investigar quais fluxos de intercâmbios de espécies vegetais e quais processos de transmissão de saberes sobre os cuidados espirituais e em saúde se conectam a determinados movimentos musicais e poéticos afro-indígenas brasileiros.

Compreendendo a musicalidade de um povo como campo de produção, revelação e perpetuação de conhecimento, proponho, na condição de músico e pesquisador, alinhar as observações e investigações sobre os conhecimentos e usos de plantas nas comunidades mencionadas a tecnologias de criação musical em conexão (ou para uma reconexão) com esses saberes botânicos. A ideia é promover um processo de criação de canções a partir dos saberes sobre cultivo e uso medicinal e alimentício de plantas, e da observação da musicalidade local. Desta forma, o estudo aponta para uma colaboração no registro desse conhecimento, realçando a potência poética desse saber e facilitando o processo de transmissão para os mais novos – visando, inclusive, dispor esse repertório para as escolas locais.

O Boqueirão é uma comunidade de pessoas com vasto conhecimento sobre ervas – cultivo e uso medicinal, ritual e alimentício. Trata-se de um quilombo reconhecido e ainda não demarcado, que permanece numa área de pouco acesso para pessoas alheias à comunidade e que, deste modo, teve que resguardar os modos ancestrais de sobrevivência, o que consequentemente favoreceu uma memória viva sobre o diálogo com as matas e as medicinas que ela oferece. O município de Teolândia possui uma área territorial de 289,782km<sup>2</sup> e uma população de 15.332 habitantes (IBGE, 2022)<sup>1</sup>. Segundo o Censo de 2022, o município possui uma densidade demográfica de 52,91 habitantes por km<sup>2</sup> e uma média de

---

<sup>1</sup> As informações com dados gerais relacionados a comunidade quilombola do Boqueirão foram coletados através de um trabalho conjunto com a equipe “Quilombo Boqueirão” realizado para estudo e elaboração da cartografia social do território quilombola em colaboração ao projeto de pesquisa participativa ORI - Racismo e Desigualdades Sociais em Saúde Mental no Brasil – ORI (NIHR - Global Health Research Group on Racism and Social Inequalities in Mental Health in Brazil) que reúne pesquisadores do Reino Unido (Warwick, King’s College, Sussex, Kent University) e do Brasil (UFBA, UNIFESP, UNEB, UFRB, VIVA Infância).



3,23 moradores por residência. O município registra 51,4% (7.881) de população masculina e 48,6% de população feminina (7.451). Em relação à autodeclaração racial: 8.862 pessoas se declaram pardas; 4.805 se declaram pretas; 1.650 se declaram brancas; 9 se declaram indígenas; e 5 se declaram amarelas. Além disso, registram-se 791 pessoas quilombolas no município, sendo que há a presença de duas comunidades quilombolas em Teolândia (Boqueirão e Paraíso) (IBGE, 2022).

O Censo de 2022 também aponta que 77,34% (9.122 pessoas) da população é alfabetizada; 7,97% da população possui ocupação formal; e que o salário médio mensal dos trabalhadores formais é de 2,3 salários mínimos (IBGE, 2022). O produto interno bruto (PIB) per capita do município de Teolândia era de R\$ 14.358,22 em 2021 (IBGE, 2021). Em registro do Censo de 2010, a proporção de domicílios com renda mensal de até  $\frac{1}{2}$  salário mínimo era de 53,4%. Em relação aos indivíduos de baixa renda, observou-se que 71,30% tinham renda inferior a  $\frac{1}{2}$  salário mínimo e 40,01% tinham renda inferior a  $\frac{1}{4}$  salário mínimo (IBGE, 2010). O resultado das três dimensões (renda, educação e saúde) captadas pelo índice de desenvolvimento humano (IDH), medido em 2010, classificou o município como de médio desenvolvimento (0,555). A desigualdade de renda medida pelo índice de Gini<sup>2</sup> foi de 0,48% (alta desigualdade), reforçada pelo alto percentual de pessoas pobres (0,45%) e pelo nível de prosperidade social considerado muito baixo. O índice de vulnerabilidade social formado pela média dos subíndices: infraestrutura urbana, capital humano, renda e trabalho, qualificou o município como muito alto nível de vulnerabilidade social (0,54) (IPEA, 2010).

Em relação à Comunidade Quilombola do Boqueirão, não há registro da população da comunidade no Censo de 2022. Porém, o Setor Censitário que cobre a região em que o território quilombola se encontra – mas também outras comunidades rurais próximas – registra uma população residente de 1.004 pessoas (IBGE, 2022). Segundo a associação quilombola que representa a comunidade, o quilombo é formado por cerca de 130 famílias. Essas famílias se encontram dispersas em uma longa faixa territorial, com o registro de quatro aglomerados populacionais, a saber, chamados de Povoado do Boqueirão, Rafael, Baixa e Cabeceira das Águas Claras pelos moradores da comunidade.

A comunidade teve sua certidão emitida pela Fundação Cultural Palmares em 01/12/2011, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 13, Registro n. 1567, fl. 183. Teve

---

<sup>2</sup> O que é um indicador estatístico usado para medir a desigualdade de distribuição de renda em um país ou região.



processo aberto no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) no ano de 2014, sendo registrado com o número 54160.002659/2014-09. De modo geral, a maioria dos moradores são agricultores familiares, os quais possuem área de terra própria para plantio de cacau, banana, mandioca, pimenta, dentre outras culturas presentes na região. É uma comunidade de maioria declarada católica, com manifestações religiosas associadas ao catolicismo popular, desse modo, há devoção a santidades como Bom Jesus da Lapa, São Cosme e São Damião, Santa Bárbara e Nossa Senhora do Rosário, mas também há a presença das caboclagens e de figuras de rezadeiras e erveiras, as quais resguardam um saber do uso de plantas e ervas medicinais.

Em relação a equipamentos públicos, a comunidade registra a presença apenas de uma escola municipal da educação básica. A escola chamada João Batista oferece ensino até o 5º ano do Ensino Fundamental em uma turma multisseriada, a qual é composta por crianças de 2 a 12 anos. Para continuidade da escolarização formal e para o acesso a serviços institucionais de saúde, os moradores do Boqueirão precisam se deslocar ao povoado do Alto Alegre (cerca de 30 a 40 minutos do Boqueirão), onde se localizam a USF Major Flávio Batista Rezende e a Escola Municipal José Libânio dos Santos, que possui turmas até o 3º ano do Ensino Médio.

A aproximação com o Quilombo do Boqueirão se deu a partir de minha colaboração com o Projeto ECLIPSE- projeto multicêntrico, de base comunitária, com foco em leishmaniose cutânea (LC)<sup>3</sup> em perspectiva de fortalecimento comunitário e incluindo o trabalho em artes – colaboração esta iniciada em julho de 2023. Entrei no projeto para fazer uma espécie de consultoria a respeito das ações artísticas voltadas para o registro da musicalidade do quilombo e tive a oportunidade de expandir as possibilidades de colaboração a partir das relações tecidas com os moradores da comunidade.

---

<sup>3</sup> O ECLIPSE tem feito um estudo interdisciplinar na investigação do impacto social da leishmaniose em três países: Brasil, Etiópia e Sri Lanka. O projeto pretende agenciar possíveis modos de superação dos desafios biopsicossociais associados à leishmaniose nos contextos locais.

Liderado pela antropóloga Lisa Dikomitis da *Kent and Medway Medical School* e pela parasitologista Helen Price da *Keele University*, no Reino Unido, o estudo tem sido conduzido no Brasil, desde 2020, pela professora e cientista social Leny Trad, coordenadora do Programa Comunidade, Família e Saúde (FA-SA) do Instituto de Saúde Coletiva da UFBA e pelo médico e professor Paulo Machado, coordenador do Serviço de Imunologia (SIM) do Hospital Universitário Professor Edgard Santos (Hupes) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Seguindo uma perspectiva transnacional e transcultural, além das instituições referidas no Reino Unido e no Brasil, o ECLIPSE envolve docentes, pesquisadores e estudantes da Mekelle University (Ethiopia). O projeto é financiado pelo UK National Institute for Health Research (NIHR).

No Brasil, o ECLIPSE atua nos seguintes territórios: Orobó (distrito do município de Valença); Quilombo do Boqueirão, Alto Alegre, Limoeiro e São Paulinho (distritos do município de Teolândia); Corte de Pedra (distrito do município Presidente Tancredo Neves).



A primeira experiência dentro da comunidade despertou em mim um forte sentimento de cumplicidade e o desejo de criação conjunta. Compartilho aqui um poema que escrevi inspirado nas experiências nesta comunidade:

Canto pro Boqueirão

Lá na terra de onde vim

Canto que lá escolhi

Nesta terra boa, farta

Canto que lá escolhi

Foi lá sim, foi lá sim

Foi lá sim que eu fiquei

Foi lá sim, foi lá sim

Pra cuidar e construir

Descobri um viver bom

Descobri ô descobri

Que o som que vem das matas

Cura, salva e faz sorrir

Verde amplo, água doce

E abraço acolhedor

Onde posso sim sonhar

Onde quero amar sem dor

E que a luta e revolta

Tem sentido ao resplendor

### **Aracê quilombola**

O trabalho se iniciou com uma visita de reconhecimento e apresentação entre mim e a comunidade, em conjunto com outros colegas da equipe do projeto, para a realização de um registro fonográfico de canções relembradas pelos mais velhos da comunidade. O objetivo foi de retomar e reconstruir movimentos culturais tradicionais do quilombo, que unem samba, reza, procissão e saberes botânicos, a partir da expressão dos próprios moradores sobre a alegria dos tempos em que haviam os sambas e procissões (há 15 anos essas atividades estavam pausadas) e sobre como os saberes sobre as ervas tinham sido fundamentais para suas sobrevivências. A partir dessa retomada, que se iniciou em julho de 2023, foi criado um grupo nomeado de Samba da Comunidade Quilombola do Boqueirão, liderado por um dos guardiões da memória da comunidade, Seu Amâncio<sup>4</sup>. O samba é um encontro de celebração e manifestação da cultura local composta por homens, mulheres, cantadores, batuqueiros, sambistas, que transbordam da fonte de suas vivências a poesia cantada de quilombo. Geralmente está ligado também a rezas e ritos religiosos que unem a louvação a santos católicos e expressões culturais de matriz africana.

Percebi, desde os primeiros versos e melodias, que as vibrações intensas dos cantos entoados carregavam o peso de uma realidade de resistência e a leveza das coisas simples e belas que a natureza escancara aos nossos olhos. Também escutei ladainhas e improvisos cantarolados que contam um pouco a história de um povo que está profundamente conectado com a natureza onde vive. Tais percepções me mobilizaram para a construção desta proposta de pesquisa. Transcrevo aqui alguns trechos do material reunido pela equipe do “Guiné: Festival ECLIPSE de arte, saúde e saberes da terra”, realizado no Boqueirão em abril deste ano (2024) e no qual também pude trabalhar como colaborador.

g

---

<sup>4</sup> A ideia de guardião da memória traduz o papel comunitário de pessoas, geralmente mais velhos, que transmitem – frequentemente através da oralidade - fatos importantes sobre a história da comunidade e sobre os saberes que a fundamentam. Seu Amâncio é sambista, cantor, agricultor e líder da comunidade e, que faz parte de uma das famílias mais antigas do local



A fé ao Bom Jesus e o samba de roda são tradições antigas na Comunidade Quilombola do Boqueirão. Procissões de longos quilômetros aconteciam pelas estradas desse território e, claro, para finalizá-las, a noite tinha que acabar em samba! Os mais velhos, inclusive, dizem que tinha gente que sambava até o raiar do dia. Essa tradição não acontecia há 15 anos, segundo relatos da comunidade, mas vem sendo retomada através das interações e trabalhos que formam o caminho que chega no Guiné - Festival ECLIPSE de Arte, Saúde e Saberes da Terra. Esse caminho, que aos poucos a gente vai compartilhando por aqui, é formado por muitas passadas que incluem encontros criativos, ativações poéticas e a abertura dos canais que garantem a transmissão de saberes fundamentais para a comunidade. É formado também pelo despertar do zelo, do reconhecimento e dos atos de retribuição pelos anciões que resguardam a riqueza cultural e a força espiritual dos povoados, junto com a retomada dos ritos de celebração e afirmação da força do viver rural. Guiné nasce da urgência de zelar pelas artes, pelos saberes e pela saúde das gentes que vivem da terra. E pelo desejo de compartilhar!<sup>5</sup>

Entre rodas de conversas e passeios pelas casas, estradas e trilhas durante o início das atividades, conheci algumas pessoas e coisas interessantes que acontecem pelo Boqueirão. Aos poucos fui recebendo informações sobre os locais de uso comunitário, como as vendas nos interiores das casas dos moradores, a escola local, o campo de futebol, os bares que também funcionam como pontos de encontros sociais. Conheci também a casa de farinha, que está localizada na vila central da comunidade, em frente à estrada principal que dá caminho para casas, áreas de plantio, morros, cachoeiras e matas, e é o lugar onde as pessoas da comunidade realizam periodicamente a produção da farinha de mandioca para sustento das suas famílias, onde compartilham habilidades, saberes e experiências de vida.

Das diversas vezes em que estive na comunidade, fui hospedado na casa de uma família de agricultores local, Vanilda, Jailton e Gisele, que me receberam calorosamente com

---

<sup>5</sup> Texto retirado de postagem realizada na página do Guiné: Festival ECLIPSE de arte, saúde e saberes da terra, situada na plataforma Instagram. A postagem pode ser acessada através do link < <https://www.instagram.com/p/C4L-o4pPwV1/>>



gentilezas e boas conversas sobre a vida na roça, focando no modo de viver e se sustentar na região. Esses diálogos aconteciam diariamente e foram momentos cruciais para melhor entendimento sobre a cultura local.

Entre o período de onze e dezesseis de outubro de 2023, realizei, junto com a equipe de pesquisa, a produção para o registro fonográfico do Samba do Boqueirão. O set de apresentação foi montado na área externa e coberta com estrutura criada artesanalmente pelos moradores locais que trabalharam coletivamente durante os dias antes da data definida do evento. O samba no Boqueirão carrega heranças rítmicas e melódicas que servem de base para a musicalidade na comunidade. As expressões poéticas e corporais do samba de roda, repleto de ladainhas e com toda forma de cantar e tocar que remete a uma época antiga ainda estavam preciosamente preservadas e exibidas com maestria nos encontros celebrativos. Testemunhei também a avidez dos cantadores por gerar versos que se cruzam em um duelo de “argumentos repentistas”<sup>6</sup> conhecido como samba de quadra. Nas conversas com mestres e cantadores mais antigos da comunidade, se entende que não existe fatos documentados e uma noção nítida de como acontecia o processo de criação das composições cantadas por eles, apesar das letras das canções fazerem parte da realidade do cotidiano e traduzirem o estilo de vida existente naquela região.

Nas demais vivência na comunidade, tive oportunidade de conhecer as relações dos moradores com a natureza local, como eles desenvolvem de modo sustentável o plantio de bananas, cacau, mandioca e outros alimentos que compõem a atividade agrícolas da região e como tecem seus cuidados através do uso de ervas. Também pude realizar um outro registro fonográfico, desta vez de uma procissão recriada e adaptada pelos moradores, com a finalidade de rememoração dessa prática. A procissão seguiu para a casa do mestre Amâncio, onde pudemos escutar as rezas regidas pelo mestre Domingos e pela mestra e rezadeira mais antiga do quilombo, Dona Fabriciana.

Em 2025 fui convocado a integrar como assistente de pesquisa um projeto que tem também como campo de pesquisa o território da comunidade do Boqueirão, o estudo é parte de um projeto mais amplo, o ORI - Racismo e Desigualdades Sociais em Saúde Mental no Brasil – ORI (NIHR - Global Health Research Group on Racism and Social Inequalities in Mental Health in Brazil) que reúne pesquisadores do Reino Unido (Warwick, King’s College, Sussex, Kent University) e do Brasil (UFBA, UNIFESP, UNEB, UFRB, ViVA Infância).

---

<sup>6</sup> Termo provisório cunhado livremente pelo autor do projeto.



Trata-se de uma pesquisa-ação que abrange quatro contextos distintos, sendo três na Bahia (comunidades quilombolas, 1 serviços de saúde mental dirigido a estudantes universitário e ou a Infância) e um no São Paulo (uma grande comunidade urbana).

O componente associado à comunidades quilombolas integra artenografia, pesquisa-ação e cartografia social ancorada em uma pesquisa decolonial e abrange os seguintes objetivos: cartografar três comunidades quilombolas da Bahia visando compreender modos de vida e práticas ancestrais, incluindo práticas artísticas; analisar experiências, significados e práticas relacionadas com sofrimento psíquico, considerando os efeitos do racismo estrutural neste processo; identificar estratégias de resistência e de promoção da saúde presentes nas comunidades, coproduzir assim como fomentar ações de promoção da saúde e de fortalecimentos de territórios quilombolas No plano metodológico, o projeto pesquisa engajada e participativa.

### **A força do canto, da dança das relações e a liberdade**

A comunidade quilombola do Boqueirão, inscreve-se em uma paisagem histórica e ecológica marcada pela presença da Mata Atlântica, por sistemas agroextrativistas e por memórias de resistência negra que remontam ao período escravocrata e às dinâmicas do pós-abolição. Estes são aspectos que modelam e impactam até os dias de hoje nas vidas das pessoas que vivem e dependem diretamente do território. Nesse contexto, a prática musical não pode ser compreendida apenas como expressão estética, mas como tecnologia ancestral de transmissão de saberes, organização comunitária e afirmação étnico-territorial. inteiramente redutível a programas ideológicos, sejam eles coloniais ou decoloniais. Mesmo em contextos historicamente marcados pela dominação colonial, o processo criativo envolve decisões técnicas, estéticas, ação coletiva e expressivas que escapam à lógica da denúncia ou da reparação simbólica.

Essa posição dialoga diretamente com debates centrais da etnomusicologia contemporânea, especialmente aqueles que questionam leituras excessivamente politizadas da música, nas quais o valor estético tende a ser subsumido ao valor ético ou identitário. Ao enfatizar a escuta atenta das obras, a análise musical no centro da reflexão etnomusicológica, sem, contudo, ignorar os contextos históricos e sociais. Tenho inspiração em tratar tal observação crítica quanto a proteção e desenvolvimento socio-cultural de maneira refinada pensando na cultura como uma unidade criativa, através das palavras de Abdias Nascimento:

Extinguiu-se a vigência funcional e criativa que a caracterizava, seu declínio produziu as tensões na



humanidade contemporânea, e os povos se defrontam e confrontam-se em porções cada vez mais desintegradas e inimigas. O império em decadência aí está, exangue e perplexo, e sua única alternativa são as guerras. Assim, constatamos facilmente que aquelas sociedades mais intrinsecamente ocidentalizadas são as menos capazes de deter o acelerado processo da própria deterioração. Dessa circunstância advém a certeza de que o desempenho de um papel não apenas importante como também urgente, está desafiando o potencial criativo de todos os povos, nações, homens e mulheres. E nessa etapa dessa trajetória humana, vemos emergir, num certo lugar da terra, um ponto insuspeito, alguma coisa intrigante, talvez um mistério histórico: o fenômeno da cultura de uma área específica, até o momento marginalizada, projetando-se na direção da área de expressão ecumênica. (NASCIMENTO, 2019, p. 64)

É interessante a interpretação experiente do professor Abdias Nascimento e como os questionamentos relacionados ao racismo e todas as formas de exclusão das culturas africanas, das culturas dos seus descendentes na diáspora e a urgente necessidade de se criar caminhos e movimentos de transformação trazem sentido para a luta do povo negro dentro de uma visão macro das sociedades. Por exemplo a ausência de cursos sistemáticos, aulas sobre culturas negras na maior parte dos países latino-americanos. Nos dias de hoje a comunidade do Boqueirão se mantém melhor organizada no que envolve formação de novos pensamentos e estratégias comunitárias dentro da “Associação dos moradores do quilombo do Boqueirão”, quanto aos direitos que lhes pertencem, e com coragem, essas pessoas estão empenhadas em manter as tradições e seus valores culturais vivos. É uma trajetória de revolução e transformação no campo social, político, artístico e econômico de uma forma geral.

A partir de uma perspectiva decolonial, torna-se fundamental deslocar o olhar eurocentrado que separa arte, natureza e espiritualidade como esferas autônomas. No Boqueirão, música, território e plantas medicinais, alimentícias e ritualísticas constituem um mesmo campo de saber. A criação musical emerge como linguagem que articula memória, corpo e ambiente, operando como arquivo de conhecimentos que historicamente foram deslegitimados pelo racismo estrutural e pela colonialidade do saber.

**Eixos estruturais para o estudo das práticas artísticas musicais culturais.**



## **Música como arquivo ecológico e memória territorial**

As práticas musicais — como o samba de roda, as cantigas de trabalho, as rezas cantadas e os toques de tambor — funcionam como dispositivos de inscrição da memória ambiental. Letras e performances evocam plantas cultivadas nos quintais, ervas utilizadas para benzimentos, folhas empregadas em banhos rituais e espécies coletadas na mata para fins terapêuticos e alimentares. A musicalidade, nesse sentido, organiza um repertório simbólico que traduz conhecimentos botânicos em narrativa poética e performativa.

Essa dimensão pode ser interpretada como um “arquivo ecológico cantado”: a música codifica guarda e potencializa informações sobre épocas de plantio, propriedades medicinais, modos de preparo e contextos rituais de uso das plantas. Trata-se de um sistema pedagógico não formal, no qual o aprendizado se dá pela escuta, repetição e vivência comunitária. Assim, a preservação das práticas musicais implica também a preservação de conhecimentos fitoterápicos e agroecológicos, constituindo uma forma própria de educação ambiental.

## **Criação musical como prática de resistência epistêmica**

A produção musical quilombola pode ser compreendida como prática de resistência epistêmica. Observando sensivelmente o canto, as plantas, seus usos e suas forças simbólicas, a comunidade de povos tradicionais flui em abundância e harmonia com a natureza local, reafirma cosmologias que articulam cura, promove o movimento diário que garante alimentação para as famílias e espiritualidade. A recusa em tratar a descolonização como imperativo moral incontestável constitui um gesto intelectual corajoso, especialmente em um contexto acadêmico no qual tais discursos frequentemente assumem caráter hegemônico. Por outro lado, pode-se argumentar que a ênfase na autonomia estética corre o risco de minimizar — ainda que não negar — as assimetrias estruturais de poder que continuam a moldar os circuitos de circulação, legitimação e recepção da música africana, sobretudo em contextos institucionais eurocentrados. Ainda assim, é preciso reconhecer essas tensões, deixando esclarecido que a crítica não é dirigida à luta contra o colonialismo em si, mas à instrumentalização a crítica do conceito de descolonização.

Essas cosmologias confrontam a racionalidade moderna-colonial que fragmenta o conhecimento em disciplinas e subalterniza saberes tradicionais.

A colonialidade operou historicamente por meio da desqualificação das práticas negras e indígenas como “crendices” ou “folclore”. Ao assumir a criação musical como espaço legítimo de produção de conhecimento, o Boqueirão tensiona essa hierarquia. A música não apenas celebra o território; ela o reivindica como espaço de autonomia ontológica,



onde a relação com as plantas é mediada por ancestralidade, ética do cuidado e reciprocidade com a natureza.

### **Juventude, territorialidade, senhoridade e transmissão intergeracional**

Dos encontros que vivenciei com pessoas de diferentes gerações pude chegar a uma análise das transformações geracionais revela tensões entre tradição e modernidade. É interessante compreender o sentido crítico da relação entre gerar novas alternativas e a circulação ecoterritorial, isso nos leva para um ponto de observação sobre as consequências da atual inflação extrativista. A explosão de conflitos socioambientais e os impactos que esses fatores provocam nas vidas dos grupos que potencializam suas maneiras e padrões de lutas ancestrais pela terra por parte dos movimentos do campo, indígenas e etc.... Entendemos por conflitos socioambientais aqueles ligados ao acesso, à conservação e ao controle de recursos naturais, da biodiversidade e do meio ambiente. A necessidade de reatualizar e transformar o cenário é fundamental e também permite que o crescimento horizontal para a produção e manutenção de saberes que partem de encontros diversos. A presença de mídias digitais e influências musicais externas pode produzir deslocamentos estéticos, mas também abre possibilidades de difusão ampliada dos saberes locais, intercâmbio cultural, trocas de saberes e. Quando jovens incorporam referências contemporâneas sem romper com as narrativas sobre plantas medicinais e rituais, operam um processo de reinvenção cultural que não significa perda, mas reatualização da tradição.

Grupos focais com juventudes quilombolas podem evidenciar como a criação musical se torna espaço estratégico de mediação entre passado e futuro. A composição de novas músicas que mencionem ervas, quintais produtivos e práticas de cura pode funcionar como ferramenta de valorização identitária e de fortalecimento do vínculo com o território. Nesse sentido, a música atua como ponte entre memória e projeto de futuro.

### **Música, sustentabilidade e economia da cultura**

Ao articular saberes botânicos, expressões musicais, intensões musicais, abre-se também um campo de valorização material e imaterial cultural, sustentabilidade cultural e econômica. Projetos colaborativos que integrem oficinas de música, farmácias vivas, intercâmbio de culturas regionais na esfera educativa, hortas comunitárias de plantas



medicinais e registro audiovisual das práticas podem gerar autonomia e renda sem dissociar cultura e território. A difusão dessas expressões — em festivais, mídias comunitárias ou circuitos culturais — amplia o reconhecimento do patrimônio imaterial quilombola e contribui para combater sua invisibilização histórica.

Contudo, uma abordagem decolonial exige cuidado para que a difusão não resulte em apropriação externa ou mercantilização descontextualizada. A centralidade deve permanecer no protagonismo comunitário e na autodeterminação sobre como e para quem todas as coisas irão se relacionar e divulgação disso.

### **Música como política do cuidado**

Em síntese, na comunidade quilombola do Boqueirão, a criação musical pode ser compreendida como prática política que articula memória, território e saberes ecológicos. Ao cantar as plantas — suas propriedades medicinais, seus usos alimentares e seus significados ritualísticos — a comunidade reafirma uma ética do cuidado que se opõe à lógica extrativista colonial.

A música, portanto, não é apenas expressão cultural: é prática de cura coletiva, instrumento de educação ambiental e linguagem de resistência. Conectar a criação musical à preservação e difusão dos saberes tradicionais sobre plantas significa reconhecer que a luta pelo território é também luta pela continuidade de um sistema de conhecimento que integra corpo, natureza e ancestralidade.

### **Conclusão**

Para uma reflexão dos alcances que conduzirão as ideias para a construção de uma narrativa livre sobre emancipação e bem viver comunitário me faz ser permeado pelos sentidos que a música e a dança se entrelaçam, ganhando uma composição de força maior de



expressão da cultura afrodescendente. As identidades se retratam a partir da sua musicalidade e da sua poesia. O jeito de segurar o pandeiro e o tambor de corda, o som do batuque, as linhas melódicas dos cantos, as síncopes contam histórias de um coletivo imensamente gracioso em suas formas de habitar o mesmo espaço com harmonia, os ritmos marcados se misturam às letras que trazem a história, a ideologia e o cotidiano da comunidade, mostrando os costumes e suas tradições. A música do Boqueirão, com suas cantigas e performance, compõe o retrato da poesia popular do território. É interessante como a poética do grupo vivem em variações nas letras de suas cantigas, nos ritmos e nas suas maneiras de se apresentar nas festas e de ensinar as canções.

## Referências

- AGAWI, Kofi. **The African imagination in music**. Oxford: Oxford University Press, 2016.
- GAUDÊNCIO, J. S., RODRIGUES, S. P. J., MARTINS, D. R.. **Indígenas brasileiros e o uso das plantas: saber tradicional, cultura e etnociência**. Khronos, Revista de História da Ciência, nº 9, pp. 163-182. 2020.
- ALBUQUERQUE, U. P. de. **A Etnobotânica no Nordeste Brasileiro**. In: CAVALCANTI, T. B., (Org.). Tópicos atuais em botânica: Palestras convidadas do 51º Congresso Nacional de Botânica. Brasília: Embrapa, p.241-249. 2000.
- CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. **As plantas medicinais e o sagrado: a etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil**. 1º ed.-São Paulo: Ícone, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Introdução à etnobotânica**. Rio de Janeiro: Interciência, 2005.
- BISPO, Antônio. **A Terra dá, a Terra quer**. 2023
- CAMARGO, M. T. L. **Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros II**. São Paulo: Ícone; 1998.
- DIAS, J.E.; LAREANO, L.C. **Farmacopéia Popular do Cerrado**. Goiás: Articulação Pacari, 2009. 352 p
- ELDIN, S.; DUNFORD, A. **Fitoterapia: na atenção primária à saúde**. São Paulo; Manole, 2001. 163p.
- FU-KIAU, K. K. B. **A Visão Bântu Kôngo da Sacralidade do Mundo Natural**. Valdina O. Pinto(- trad.). Salvador: ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO BANTU – ACBANTU COMUNIDADES ORGANIZADAS DA DIÁSPORA AFRICANA Rede KÔDYA, 2015. Disponível em: <https://estahoreall.files.wordpress.com/2015/07/dr-bunseki-fu-kiau-a-visc3a3o-bantu-kongo-da-sacralidade-do-mundo-natural.pdf> Acesso em 19 de abril de 2023.
- LOURENÇO, Daniel Braga. **Qual o valor da natureza?** uma introdução à ética ambiental / , São Paulo, Elefante 2019
- MACIEL, M. A. M. et al. **Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares**. Química Nova [online], v.25, n.3, p. 429-438, 2002.
- MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: O reinado do Rosário no Jatobá**. 2 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.
- \_\_\_\_\_. **Performances da Oralitura: corpo, lugar da memória**. Letras nº 26. Línguas e Literatura: limites e fronteiras. 2003. Santa Maria, disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>>. Acesso em 12/06/2022
- NKETIA, J. H. Kwabena. **African music in Ghana**. Evanston, IL: Northwestern University Press, 1963.

CARVALHO, Raiça Bomfim de. **Atos para uma arte florestal: criações poéticas em comunidades cosmodiversas**. 2025. Tese (Doutorado em Artes Cênicas – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2025).

SOMÉ, Sobunfé. **O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar**. São Paulo: Odysseus, 2003.

VASCONCELOS F. A. de. **Filosofia ubuntu**. Logeion: Filosofia da Informação, v. 3, n. 2, p. 100-112, 1 abr. 2017.

JESUS, Jeanderson Santos. **Memórias dos sambas nas festividades do rei roubado, são cosme e damião, santa barbara e outras brincadeiras da comunidade rural do Benfica, santo antônio de jesus – sul do recôncavo baiano**. Orientador: Laila Luna Rosa. 2020. Tese (Doutorado em Música) — Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador.